

QUEM VAI CASAR COM A PRINCESA?

António Torrado

escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou



Lá para os lados da Malásia ou mais longe ainda, havia uma linda princesa, chamada Sita Devi. Como estava em idade de casar, o Rajá Masicó, seu pai, encomendou um grande banquete e convidou para a festa todos os rajás e príncipes, jovens, belos, amáveis e solteiros, das regiões vizinhas. Um de entre eles havia de ser o futuro marido da princesa.

O marajá Ravana, do reino de Langcapuri, embora fosse solteiro e reinasse numa ilha próxima, não chegou a ser convidado. Faltavam-lhe condições para pretender a mão da princesa. Não era jovem, não era belo e, principalmente, não era amável. Muito pelo contrário.

Ficou furioso o marajá Ravana de Langcapuri. Se não tinha sido convidado, fazia-se convidado. Também ia ao palácio, juntar-se aos pretendentes, ora pois.

Na fila dos candidatos estavam dois jovens príncipes, filhos de um marajá amigo do Rajá Masicó. Chamavam-se eles: Sri Bama e Lacsamana. Eram muito novos ainda, de forma que os outros pretendentes, de barba e bigode, faziam troça deles.

Estavam nesta chacota, quando um arauto anunciou a prova a que os príncipes e rajás iriam sujeitar-se, por vontade do Rajá Masicó. Os que fossem eliminados podiam ir-se embora, que nem ao banquete tinham direito. Assim mesmo.

E em que consistia a prova?

– Cada pretendente – gritava o arauto – tem de disparar uma flecha através de um renque de quarenta palmeiras, situadas nos jardins do palácio de Sua Majestade Altíssima e Digníssima o Rajá Masicó, junto de quem os dragões rastejam, obedientes.

– Que tal está a história! – protestaram alguns dos príncipes. – A prova é difícil. Vamos desistir.

E desistiam, virando costas ao arauto.

Só ficaram os dois irmãos e o marajá Ravana, muito mal-encarado.

Foi o primeiro a disparar e falhou. Os seus gritos de raiva assustaram o Sol, que se escondeu atrás das nuvens. Passado um bocadinho, estava a chover. A prova teve de ser interrompida.

Um dos irmãos, o mais velho, indiferente ao aguaceiro, percorreu o renque das quarenta palmeiras e, lá para o fim, patinhando na lama, descobriu qualquer coisa, que veio, a correr, contar ao irmão mais novo:

– Duas palmeiras da fila têm as raízes assentes num dragão enorme, que de vez em quando se agita, debaixo da

terra. Ora eu escavei um bocado na lama e descobri-lhe a cauda. Quando tu disparares o arco, eu prendo a cauda do dragão, para que ele se não mexa. Só assim conseguirás acertar no alvo.

Foi o que sucedeu. Glória ao príncipe Sri Bama, futuro marido da Sita Devi! O Sol espreitou atrás das nuvens e de novo surgiria em toda a sua grandeza, se o marajá Ravana não tivesse gritado e urrado rancorosos projectos de vingança. Escondeu-se, outra vez, o Sol e voltou a chover. Era um Sol muito assustadiço.

Por causa da chuva, que encharcou a mesa do banquete, a boda teve de ser adiada. Que pena!

Um dia, andavam os noivos a passear nas cercanias do palácio, quando, ambos ao mesmo tempo, tiveram sede. Como por encanto, brotaram a seus pés dois veios de água. Sim, era um encanto preparado pelo pérfido Ravana, que sabia das artes da feitiçaria.

Os dois enamorados beberam a água embruxada e ficaram transformados em macacos. Ravana, escondido no meio da folhagem, lançava grandes gargalhadas:

– Ah! Ah! Estes dois macaquinhos bravos só outro feitiço poderá desencantar. Teriam de ser atravessados por duas flechas, previamente mergulhadas em seiva de teca. Se tal sucedesse, deixavam de ser macacos e quem primeiro vos enfeitiçara é que ficava transformado em macaco, para sempre. Oh! Oh!

E ria-se muito o marajá Ravana, porque achava isso impossível.

No entanto, Lacsamana, irmão de Sri Bama, que, de longe, acompanhava os noivos, ouviu o que o odioso marajá dissera e correu em perseguição dos macaquinhos.

Foi difícil a caçada, porque os macaquinhos corriam e saltavam e guinchavam, como se nunca tivessem sido outra coisa na vida. Finalmente, Lacsamana conseguiu atingi-los com duas setas do seu arco. As flechas, impregnadas de seiva de teca, quebraram o encanto.

Nesse mesmo instante, Ravana chegava ao seu palácio. Ia, nesse preciso momento, ordenar aos guardas que lhe abrissem as portas, para o deixarem passar a ele, temido senhor de Langcapuri. Não chegou a dar as ordens. Um guincho cortou-lhe a fala. Estava transformado em macaco macacão. Os guardas atiraram-lhe pedras e gritaram:

– Vai-te daqui, macaco!

Lá longe, no palácio do Rajá Masicó, realizava-se no meio de grande pompa o casamento da princesa Sita Devi com o príncipe Sri Bama. Iam os dois muito bonitos.

FIM